

## RESENHA

---

NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos*. (2003).  
Volume dedicado à memória de Antenor Nascentes,  
organizado por Raimundo Barbadinho Neto.  
Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.

### *ESTUDOS FILOLÓGICOS DE ANTENOR NASCENTES OU O NARIZ DE JOSÉ OITICICA*

**Emilio Gozze Pagotto**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

#### 1. Introdução

O livro é grande, setecentos e quarenta e seis páginas, por extenso. Entro nele como quem penetra em outro mundo. Sou de uma geração de outros mestres, do após do após, estranho e me delicio já com a crônica de Celso Cunha, que descobriu, quando jovem, para sua decepção que Dona Carolina Michaelis de Vasconcelos havia sido mulher de um tal Dr. Joaquim Vasconcelos, “*que sofria das faculdades mentais*”, e não do grande filólogo Leite de Vasconcelos. Este “*vivia entre gatas*”, até escreveu para elas um poema. Decepção, que grande casal teriam sido! A historieta aparece meio à busca de precisar o funcionamento dos termos **gramático**, **filólogo** e **lingüista**, resumindo, para mim, as questões que o próprio livro encerra com seu mundo estranho. Para a sua geração, **gramático** era quase pejorativo; **filólogo**, não, era o modelo a ser alcançado:

*Ser filólogo era, pois, de todos nós a maior aspiração. Como Leite de Vasconcelos, nossos mestres Sousa da Silveira e Antenor Nascentes honravam-se com a titulação (...)* (Cunha, p. 156).

Lingüistas seriam outras espécies, ainda por vir:

*Lingüistas não os havia de nacionalidade portuguesa ou brasileira. O primeiro que recebeu o título – e justamente – foi Mattozo Câmara Júnior. Mas isso nos anos 40 depois da publicação dos seus Princípios de Lingüística Geral.* (Cunha, p. 150).

Os livros são encontros que temos e cada leitura é um encontro diferente. A obra *Estudos Filológicos* de Antenor Nascentes, que a Academia Brasileira de Letras publica como parte da coleção Estudos de Língua Portuguesa, provoca em mim um grande estranhamento e fascínio. Outros modos de construção do saber, outras formas de circulação, outros modos de lidar, de polemizar, de ensinar. Ao mesmo tempo, traz à tona – sem ser sua intenção, de maneira oblíqua – o grande projeto que foi a filologia no Brasil.

Antenor Nascentes terá sido, sem dúvida, um de seus maiores capitães, uma das mais prolíficas e interessantes figuras na área da pesquisa lingüística do Brasil na primeira metade do século XX. Autor de obras de referência, como o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *O Linguajar Carioca*, *Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, Antenor Nascentes cobriu uma extensa área de interesses, que vão da pesquisa lexicográfica, até a música, passando pela fonética, pela dialetologia. O livro é uma antologia de textos do autor, alguns deles inéditos até então, que procura refletir seus múltiplos interesses; ao final de sua leitura, emerge um retrato que de fato impressiona.

Sou de uma geração de outros mestres, e é dessa posição que procuro narrar a minha experiência com o livro. Após sua leitura, é possível vislumbrar quadros diversos de como era o funcionamento da pesquisa lingüística no Brasil e do quanto Antenor Nascentes teria sido uma figura de proa, um homem do seu tempo mirando adiante; sobretudo, emerge com contornos claros a implementação de um projeto de ciência da linguagem, que se implementa, conquista instituições, forma toda uma geração, mas que não foi capaz de ter a força e a continuidade nas gerações seguintes. Estou me adiantando; é melhor cumprir meu papel de resenhista. Vamos a algumas informações sobre a organização da obra.

Está ela dividida em três partes. É na terceira, a mais extensa, que se encontram os textos de Antenor Nascentes; na primeira, temos uma apresentação de Evanildo Bechara, um texto de Raimundo Barbadinho Neto e uma bibliografia exaustiva de e sobre Antenor Nascentes; na segunda, três textos: um de Zdenek Hampejs, outro de Celso Cunha, de que extraí os excertos acima, e um outro de José Oiticica, um discurso de 1933 em homenagem a Nascentes com muita verve e inspiração.

A terceira parte está dividida em 12 seções definidas tematicamente. Listo-as: Filologia Portuguesa e Românica: Seu estudo; Lingüística teórica e descritiva; Língua Portuguesa: História externa; A Língua Portuguesa e outras línguas; Fonética e Fonologia do Português; Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa: Sincronia e Diacronia; Lexicologia e Lexicografia do Português; Dicionário Etimológico; Ortografia do Português; Dialectologia brasileira; Dois estudos de Literatura Brasileira e, por fim, Personalidades.

Visto de hoje, o maior interesse que o livro pode ter, a meu ver, é histórico. A ordenação dos artigos por campos de trabalho pode não deixar transparecer a trajetória dos estudos lingüísticos no Brasil durante o século XX, trajetória da qual Antenor Nascentes foi um dos mais importantes atores e cuja história se confunde com a dela. Podemos acompanhar, em passos descontínuos, a materialização de etapas da nossa história lingüística recente, abrindo-se universos de investigação eventualmente inexplorados.

Embora não de maneira linear, já que é organizada em áreas temáticas, a publicação é um precioso documento para a história das idéias lingüísticas no Brasil, permitindo observar *in loco* os vários aspectos da produção de conhecimento na área da pesquisa lingüística. Além disso, traz algumas contribuições de Nascentes em várias áreas; algumas delas nos permitem visualizar momentos da produção do autor e da produção nacional, outras permitem mapear as diversas correntes teóricas que circulavam no Brasil no período em que ele produziu. Por tudo isso, o livro é um documento valioso para o pesquisador da história das idéias lingüísticas.

Longe de pretender fazer uma resenha exaustiva, é possível destacar nele algumas linhas, que se entrecruzam continuamente não sendo exclusivas deste ou daquele texto. Apenas a título de organização, destacaria:

- 1) Contribuições de Nascentes aos estudos lingüísticos: história da língua, lexicologia e dialetologia;
- 2) Correspondências acadêmicas – mais ou menos polêmicas;
- 3) Historiografia dos estudos lingüísticos – história das idéias, das instituições e do ensino;
- 4) Intervenções na sociedade.

Pretendo me deter mais na terceira, por julgar ser a maior contribuição que a publicação do livro traz hoje e, confesso, pelo fascínio que me provocou.

## 2. Contribuições de Nascentes

Os textos que trazem contribuições de Nascentes trabalham com um conjunto de áreas muito variadas. Assim, subvertendo um pouco a organização original, teríamos: História do português no Brasil (com textos como *Expansão da língua portuguesa no Brasil* (1937), *Independência literária e unidade da língua* (1939), *Língua Brasileira* (1937), *Que língua falará Brasília?* (1967), *Fórmulas de tratamento no Brasil dos séculos XIX e XX* (1949/50), *El tratamiento de Señor en el Brasil* (1938),

*O tratamento “Você” no Brasil* (1955), *A origem do Artigo* (1906), *Lheísmo no Português do Brasil* (1960); Fonética: *Questões de fonética: Carta ao Professor José Otíctica* (1938) e *A pronúncia brasileira da Língua Portuguesa* (1937). Questões de lexicologia: além dos textos que formam esta seção, poderíamos incluir as discussões em torno do dicionário etimológico *Carta ao Exmo. Sr. Jorge Guimarães Daupiás* (1924); *Uma crítica ao meu Dicionário Etimológico* (1933); *Resposta às observações críticas ao Dicionário Etimológico* (1933); *Em defesa do meu dicionário* (1936) e um pequeno texto intitulado *Aquém, Além* (1943). Por fim, os problemas dialetológicos, com os textos da seção *Dialectologia Brasileira: Divisão dialetológica do território brasileiro* (1955); *O atlas lingüístico do Brasil* (inédito até então)<sup>1</sup>.

Destes textos, os que despertariam hoje interesse para além do histórico seriam aqueles referentes às formas de tratamento, pelo detalhamento das informações históricas, podendo ainda hoje trazer subsídios a quem se dedique à história dos pronomes de tratamento no Brasil. Outro texto que permanece atual, pelas suas hipóteses e resenha, é o *Divisão dialetológica do território brasileiro*. Nele, Nascentes refina a sua proposta de 1922, comentando outras propostas de divisões. Um pouco mais tarde, em 1958, Nascentes publicará as *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, que, até os dias de hoje, é o ponto de partida dos estudos em geolingüística no Brasil (cf. a propósito Aguilera, 2005, dentre outros).

Textos como *Lheísmo no português do Brasil* ou *A pronúncia brasileira da Língua Portuguesa* são datados. O desenvolvimento da sociolingüística a partir dos anos 80 vem mapeando com métodos de investigação bastante acurados aquilo que a sensibilidade de Nascentes captou muito bem na época em que foram escritos. É claro que a volta de tais textos ao público acadêmico é bem vinda, já que possibilita visualizar, para quem pesquisa a história das idéias lingüísticas, o estado da arte à época de então.

Já os textos que formam a seção de *Lexicologia e Lexicografia do Português* podem ser divididos em dois tipos: aqueles sobre problemas pontuais, investigando o étimo de itens lexicais específicos (é o caso de textos como *Três brasileirismos* (1955), *Quatro brasileirismos* (1957), *O pão* (1968), *Alguns brasileirismos* (inédito até então), que investigam a história de itens lexicais isolados como **bilontra**, **caruru**, **capoeira**, dentre outras) e podem eventualmente ser fonte de informação útil a quem trabalha na área. Outros textos têm pretensões mais amplas, ou são levantamentos lexicológicos mais exaustivos, como é o caso de *O Helenismo em Camões* (1944), *Linguagem de Teatro* (1958), *A saudade portuguesa na toponímia brasileira* (1957), *La Toponymie au Brésil* (1958),

*L'Anthroponymie au Brésil* (1964), *A Gíria Carioca* (1967). À exceção do primeiro, os demais textos correspondem a uma tentativa de materializar áreas programáticas de interesse: no texto *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil*, de 1939, em que faz um balanço da filologia no Brasil, o autor demarca várias áreas de interesse nas quais aponta a necessidade de empreender pesquisa. Aí, no campo da lexicologia, distingue justamente as áreas: Toponímia brasileira, Um vocabulário completo de brasileirismos, Um vocabulário de Gíria (pp. 229/231). Aliás, comparar esses textos programáticos com os estudos que materializam as metas traçadas mostra o quanto toda a atividade de Nascentes se desenvolve em torno de um projeto bem definido.

Por fim, há um texto que é uma curiosidade histórica: o primeiro trabalho publicado por Nascentes, em 1906, *A origem do Artigo*, em que o autor já demonstra o rigor e o texto elegante que percorre toda a sua carreira.

### 3. Correspondências acadêmicas – elegantes polêmicas

Há no livro um total de seis textos que são cartas de Nascentes em resposta a críticas recebidas. À parte um possível interesse de estudiosos das questões específicas de fonética ou de etimologia, das quais as correspondências tratam, tais textos são importantes como documentos das formas de construção e circulação do conhecimento lingüístico da época. Um texto: *Questões de Fonética: Carta ao Professor José Oiticica* (1938) comenta as críticas do destinatário à seção dedicada à Fonética do livro *O Idioma Nacional*, de Nascentes, lançado no ano anterior (não fica claro se foi publicada; Nascentes autoriza o destinatário a fazê-la circular). O outro é uma resposta à crítica do livro *O Linguajar carioca*, publicado em 1922: *Carta ao Exmo. Sr. Jorge Daupiás* (1924) inserida na seção *Dicionário Etimológico*; os outros quatro são textos respondendo a críticas ao *Dicionário Etimológico*.

Em todos esses textos, o que chama a atenção é o estilo, a maneira como os interlocutores se tratavam, ainda que os textos fossem publicados em jornal ou revista. Há toda uma cerimônia envolvida, ainda que o objeto e o objetivo fosse o conhecimento científico. Vejam-se, por exemplo, os dois parágrafos que abrem a resposta envolvendo *O Linguajar carioca*, publicada na *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo:

Exmo. Sr. Jorge Daupiás

*Quando V. Ex<sup>a</sup>. me declarou, ao sermos apresentados um ao outro pelo nosso prezado amigo e camarada Mario Barreto, que me ia escrever uma carta a propósito da modesta contribuição*

*dialectológica publicada por mim sob o título O Linguajar carioca em 1922, longe estava de supor que se tratava do mais extenso e carinhoso estudo que dos doutos mereceu o meu trabalho. Não sei como agradecer-lhe tamanha distinção e é com a maior satisfação que venho responder ponto por ponto a todas as questões ventiladas pela sua crítica profunda e cortês.* (Nascentes, p.613)

Outros tempos.

A carta a José Oiticica é interessante por colocar em evidência os textos de Fonética que circulavam então e a dificuldade de Nascentes em argumentar aos interlocutores de seu tempo a partir de estudos como o de Grammont, que traziam resultados experimentais e uma observação mais objetiva. Um estudo de cunho discursivo encontraria resultados bastante interessantes investigando a presença e os sujeitos interlocutores na construção do discurso científico de Nascentes. Incorrendo no pecado do anacronismo, há momentos em que chega a ser engraçado o teor dos comentários:

*Diz V. que não dou a diferença entre te e dê e que incluo nê como consoante nasal.*

*Leia: “te e dê, produzida a segunda com menos força que a primeira” (p.30)*

*Nega V. que o nê seja consonância nasal. Já não apelo para as olivas nasais porque infelizmente aqui não há nada, absolutamente nada.*

*Tape o nariz e tente pronunciar a palavra na.*

*Todos os autores que apresentam seções longitudinais do crânio, dão gravuras em que se vê a posição normal do véu palatino, deixando livre a saída do ar pelo nariz.* (Nascentes, p. 182 – grifos do autor).

Veja o leitor: depois de recorrer ao *Traité de Phonetique*, de Grammond, ao *Précis de Phonétique Experimental*, de Rousselot, à Gramática Histórica de Nunes, ao *Pronunciacion Española* de Navarro Tomás:

*“Na falta de um gabinete destes de fonética experimental em nosso país, somos obrigados a adotar imperfeitamente os trabalhos dos mestres portugueses e espanhóis.”* (Nascentes citando a si próprio, p. 374, grifo do autor).

Depois de chamar a atenção para a necessidade metodológica da observação desprovida de normatização:

*V. me obriga tocar num ponto delicado. Eu posso observá-lo melhor do que V. pode observar-se a si mesmo. V. confessa que distingue cear de **ciar**, **crear** de **criar**. Quer saber por quê? Por causa da sua cultura, por causa do seu temperamento.*

*V. sabe a etimologia daqueles vocábulos; isto influi inconscientemente na sua pronúncia. Como professor da Escola Dramática habituou-se a falar com ênfase. Adeus naturalidade!* (Nascentes, p. 378 – grifos do autor).

Depois de toda a meticulosidade na sua resposta de cientista, Nascentes apela: manda que o grande José Oiticica tape o nariz para verificar, de uma vez por todas, que o /n/ é nasal.

Esta carta é um documento muito instigante do tipo de reação que provocava, no período, a simples descrição fonética da fala do Rio de Janeiro. Mais que isso, que a entrada de novos teóricos e cientistas experimentais não era uma empreitada das mais simples. Tratava-se de trabalhar rupturas, e as novas contribuições da fonética experimental chocavam-se com velhas doutrinas. Não era fácil arejar o ambiente.

Não vou comentar as cartas envolvendo o *Dicionário Etimológico* de Nascentes. Em maior ou menor grau, elas reproduzem os movimentos que acentuei aqui. São um testemunho muito interessante do modo de produção de conhecimento no período, com todos os aspectos que destaquei envolvidos. Deixo ao leitor o prazer de desfrutá-las.

#### 4. Historiografia dos estudos lingüísticos – história das idéias, das instituições e do ensino

Como já salientei acima, o livro como um todo é um rico testemunho para o pesquisador da história das idéias lingüísticas no Brasil. Mas há um conjunto de textos no livro dedicados quase exclusivamente a historiar os estudos lingüísticos no Brasil, especialmente aqueles que constam na seção intitulada *Filologia Portuguesa e Românica: seu Estudo*. Listos: *Instituto de Filologia* (1935); *A Filologia Portuguesa no Brasil (Esboço histórico)* (1939); *Filologia Românica – Lição Inaugural da Cadeira* (1937); *O Colégio Pedro II e a Filologia Portuguesa* (1937, republicado em 1939); *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa* (1951); *A Filologia Românica no Brasil* (1961); *Diretrizes atuais da Filologia* (inédito até a atual publicação); *O Helelismo no Brasil* (uma conferência sem data (1939?) inédita em livro até

a publicação do livro); *Études dialectologiques au Brésil* (1952); *Estudos Africanistas* (inédito até a publicação do livro).

O conjunto de textos delimitado acima permite visualizar claramente um projeto científico, em suas várias facetas. E é por meio deste projeto – sempre em construção nesses textos – que se pode, por tabela, chegar a outros aspectos da história do conhecimento lingüístico no Brasil, pelas tensões e relações que tal projeto estabelece com o seu entorno histórico.

Guimarães (1996) divide os estudos lingüísticos no Brasil em quatro períodos: o primeiro período, até meados do século XIX; o segundo período, de meados do século XIX até começos dos anos 40; o terceiro período, dos anos 40 até meados dos 60 e o quarto; daí até os dias de hoje. A atuação de Nascentes começaria no segundo período, ocupando todo o terceiro. Os textos acima testemunham ações, progressos e estagnações desses períodos. São elaborações de quem tem muito claro o projeto a desenvolver, as metas a alcançar e as ações a empreender. Há uma visão extremamente orgânica de tudo, ao mesmo tempo em que o mundo real vaza para dentro dos textos, com os cutucões mais comezinhos.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o Antenor Nascentes historiador do saber. No conjunto acima, somente os textos: *Instituto de Filologia*; *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa*; *Diretrizes atuais da Filologia* (inédito até a atual publicação); *Estudos Africanistas* (inédito até a publicação do livro) não têm uma preocupação eminentemente histórica, seja história do saber, ou das instituições. Todos os demais são fortemente historiográficos. O segundo aspecto que emerge dos textos é a preocupação com a formação de novos quadros a fim de tocarem adiante o projeto; um terceiro aspecto, que com este tem relação, é o papel da institucionalização – via ação do Estado – para a consecução do grande projeto científico filológico e por fim, os textos permitem acompanhar as filiações teóricas que vão se estabelecendo no âmbito deste projeto.

#### **4.1 Nascentes historiador**

Há no conjunto de textos citados duas possibilidades de leitura, pelo menos: a primeira é acompanhar Nascentes na detalhada historiografia que faz dos estudos lingüísticos; a outra, é comparar os textos que, em épocas diferentes, fazem balanços da área da filologia. Assim, se tomamos em seqüência o texto de 1935 – *Instituto de Filologia*; o texto de 1937 – *Filologia Românica – Lição Inaugural da Cadeira*; o texto de 1939 – *A Filologia Portuguesa no Brasil (Esboço histórico)*, depois o texto de 1950 – *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa* e por fim este último texto referido acima, de 1961 – *A Filologia Românica*

no Brasil, podemos acompanhar o desenvolvimento do período por alguém que o viveu de dentro. Podemos ver: 1) como as referências teóricas se ampliam – basta comparar a aula de 1937 com a aula de 1950, sem que se perca, ao menos na visão dele, uma forte unidade entre todas as referências; 2) como os esforços pela formação de novos nomes vai produzindo seus resultados e, por fim, 3) como, apesar disto, os esforços no âmbito institucional não são suficientes para produzir resultados mais significativos nas grandes empreitadas que ele propõe.

Entre a aula de 1937 – inaugural da cadeira – e a aula de 1950, de que resultou texto publicado em 1951, há uma diferença mais significativa nas indicações bibliográficas: no texto de 51 há uma lista de autores oriundos da lingüística moderna, enquanto na aula de 37, as referências centrais provêm da Filologia Românica (Diez, Meyer Lübke), da geografia lingüística e fonética experimental, ambos derivados da ampliação dos métodos da lingüística histórica, e do idealismo (Vossler, etc.). No texto de 51, assinalando sua estranheza pela não inclusão da Lingüística nos currículos de Letras, fornece uma lista de autores que inclui as áreas do texto anterior e as amplia: com o descritivismo americano – Sapir, Bloomfield, com o estruturalismo europeu: Saussure, Jespersen, Trubetzkoy e outros.

A comparação entre os textos programáticos e de balanço do programa também traduz os movimentos do período. Tomemos um texto de 1939 como o *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil* e outro de 1961, *A Filologia Românica no Brasil*. No primeiro, os nomes citados com algum trabalho representativo são bastante reduzidos (Candido Jucá Filho, João Ribeiro, Renato Mendonça, Teodoro Sampaio), enquanto no segundo, a lista aumenta significativamente. Cito alguns: Aires da Mata Machado Filho, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Mattoso Câmara, Segismundo Spina, Wilton Cardoso, Mansur Guérios, Theodore Maurer Junior, Silvio Elia. Todos eles, note-se, correspondem à sua antevisão no texto de 39. Neste, depois de lamentar o estágio em que se encontravam os estudos filológicos:

*Só se publicam livros didáticos, raros artigos em jornais e revistas, teses de concurso que, por seu caráter obrigatório, perdem muito de seu valor.*

(...)

*Com raras exceções acham eles (professores) intoxicados de gramatiquice e prostrados com religiosa unção diante dos tabus clássicos. A nossa filologia pouco enxerga além do certo ou errado e do que é correto;*

*Ainda há quem tenha coragem de escrever sobre crase, colocação de pronomes oblíquos (pomposamente batizada com o complicado nome de topologia), infinitivo pessoal, galicismo. Outro mal parasitário ainda ataca a nossa Filologia: o diletantismo* (Nascentes, p. 228).

sentencia:

*A situação só poderá mudar com a intervenção dos jovens que se matricularem na Faculdade Nacional de Filosofia, recém-criada na Universidade do Brasil e nas equiparadas futuras* (Nascentes, p. 228).

No texto de 1961, 23 anos depois, eles estão lá: a geração que teria dotado a produção filológica do rigor científico necessário. Mas, apesar do progresso anotado, o texto de 1961 termina meio amargo:

*Como se vê, não há muito o que dizer acerca da Filologia Românica no Brasil, o que não é de admirar, dado o pouco tempo em que ela vem sendo ensinada* (Nascentes, p. 264).

Há dois textos eminentemente historiográficos, que constituem documentos importantes, pelo registro que fazem. *O Colégio Pedro II e a Filologia Portuguesa* e *A Filologia Portuguesa no Brasil (Esboço histórico)*. No primeiro, temos a sucessão de todos os professores da área de língua portuguesa e de filologia do Colégio Pedro II, do qual o próprio Nascentes foi professor e que era, juntamente com outros colégios de educação secundária, o lugar de produção de conhecimento, até a instauração das universidades. Nascentes se ressentia disso, já que insiste, em vários textos, na necessidade de uma formação em nível superior afinada com os grandes centros do mundo. O segundo apresenta uma periodização dos estudos lingüísticos no Brasil, com a qual coincide a de Guimarães (1996). A forma como resenha os autores e especialmente como apresenta as idéias no segundo período – que ele chama de **gramatical** – visam a colocar em perspectiva seu próprio projeto de Filologia. A tal ponto que ele não tem a menor dúvida de demarcar o momento da escritura (o texto é de 1939) como o começo de um novo período que se inicia, a que chama de **científico**:

*Com a criação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no corrente ano de 1939 considero inaugurado o quarto período, a que chamo de científico* (Nascentes, p. 204).

Os textos historiográficos articulam-se com os demais no sentido de procurar combater as práticas que caracterizam o segundo período – eminentemente purista e dogmático –, procurando formar uma nova geração de cientistas da linguagem. Assim, ao mesmo tempo em que trabalha nessa direção, procura Nascentes inscrever novas práticas a partir de uma perspectiva histórica do seu próprio fazer. A instauração de uma perspectiva científica para os estudos lingüísticos está para ele necessariamente vinculada à fundação de novas instituições.

Nessa direção, o autor precisa descer a detalhes curiosos, informando aos leitores dos anos 30 que a nova ciência demanda novas instituições, novas práticas, novos edifícios. Assim, define como deve ser um Instituto de Filologia. Desde o mobiliário – salas com sofás para a realização de seminários (uma novidade metodológica que deseja introduzir), passando pela aquisição de revistas especializadas chegando à necessidade de excursões:

*As excursões não serão, como talvez possam parecer a alguns, meros regabofes de alunos e professores.*

*Serão excelente meio de colher preciosas informações in loco, observando, registrando frases em discos, apanhando palatogramas e labiogramas, etc. etc. (Nascentes, p. 182).*

e da organização de fichários e publicações. É um mundo novo que é preciso difundir com paciência e detalhe. Isto se vê, especialmente nos textos *Instituto de Filologia* (1935) e em *Métodos de Estudo e de Pesquisa em Matéria de Filologia Portuguesa* (1951). Neste último, ao mesmo tempo em que Nascentes indica a bibliografia de referência da lingüística, a lista de todos os periódicos relevantes na área, desce a minúcias quando fala da confecção de arquivos de fichas: os vários tamanhos, as formas de organização, as maneiras de grifar o texto (traço horizontal, vertical, oblíquo, com suas vantagens e problemas) e até onde guardá-las:

*No começo, quando o número delas é pequeno tudo serve para a guardada das mesmas: uma gaveta de mesa, uma caixa de sapatos uma prateleira na estante. (Nascentes, p. 244).*

#### **4.2 A Institucionalização da ciência**

Novas idéias demandam novas instituições. Nascentes é combativo nesse sentido. As novas instituições é que criariam o ambiente propício para o desenvolvimento não só do ensino, como também da pesquisa. Percebemos a grande dificuldade em empreender pesquisas de ponta a

partir de lugares como o Colégio Pedro II que, apesar da grande qualificação de seus quadros, não seria a entidade vocacionada para a implementação da pesquisa lingüística teórica ou experimental no Brasil.

Mas as instituições não se fazem sem verba e apoio político. Há uma insistência recursiva no fato de que não há o provimento de verbas necessário para tornar possível o desenvolvimento da ciência da filologia no Brasil. Dois casos chamam a atenção e aparecem contemplados no volume, em vários momentos: a instalação de um laboratório de fonética e a realização do Atlas Lingüístico Brasileiro. As duas áreas representaram, na primeira metade do século XX, o que seria hoje considerado *de ponta* na pesquisa empírica.

O laboratório de fonética é uma novela que se inicia antes de 1930 (a fonética experimental já era mencionada no ano de 1919) com um pedido de aquisição de equipamento para o Colégio Pedro II, mas a revolução de 30 e uma sucessão de governos foi incapaz de realizar o sonho do autor. No texto *Instituto de Filologia*, 1935 ele relata:

*...entrei em contato com uma fábrica de Hamburgo para a aquisição dos aparelhos essenciais, consegui do então diretor do Externato Colégio Pedro II, o Dr. Euclides Roxo, uma verba de 8:000\$000 no orçamento do Colégio, mas veio a Revolução de 30, mandou recolher as verbas intactas e lá se foi aquela que tanto me havia custado obter. (Nascentes, p.183).*

Volta ao assunto na carta a Oiticica, de 38:

*Daí foi que surgiu todo esse movimento, até agora infelizmente malgrado, de criar-se um gabinete de fonética experimental. Pedi verba ao diretor do Externato (...) a burocracia reteve (...) e tudo ficou como dantes no quartel de Abrantes (Nascentes, p. 384).*

No *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil* o problema continua, mas aparentemente não era mais o dinheiro:

*Em janeiro de 1938, o Professor Oswaldo Serpa, então catedrático da Faculdade Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal adquiriu em Londres os aparelhos essenciais. Tendo deixado no mesmo ano o Professor Serpa de pertencer à Universidade, os aparelhos até hoje esperam quem venha com eles trabalhar... (Nascentes, p. 232).*

Da mesma maneira, o Atlas Lingüístico do Brasil, empreendimento tão caro à filologia derivada dos neogramáticos até hoje é uma tarefa não realizada. Nascentes volta reiteradamente ao tema: primeiro imagina que se concretizará assim que se fundarem os cursos superiores, depois dependeria da necessidade de um Instituto de Filologia. Assim, no texto de 35 – *Instituto de Filologia* – ele vincula o desenvolvimento da nossa geografia lingüística à criação de um instituto:

*Como fazer Geografia Lingüística sem dispor de grupos de estudosos bem orientados, dispostos por toda a extensão de nosso território?*

*Pois com o Instituto esse desideratum fica perto de sua realização* (Nascentes, p. 181).

O instituto a que se refere é o então recém criado Instituto de Filologia da Universidade de São Paulo. Mas o Atlas não prosperou. José Oiticica, dois anos antes, já relata em seu discurso em homenagem a Nascentes, a proposta que fez no 24º. Congresso de Americanistas:

*Proponho que o Congresso de Americanistas se dirija aos governos de países sul-americanos propondo a criação de um Instituto Sul-Americano de Filologia, incumbido de estudar especialmente as línguas indígenas do continente* (Oiticica, p. 172).

Nascentes, no balanço que faz em 52 no texto *Etudes Dialectologiques au Brésil*, portanto, quase vinte anos depois do texto de 35, ainda lamenta e insiste:

*Les études de géographie linguistique et en conséquence l'élaboration des cartes pour l'Atlas linguistique sont loin de leur début. Faute d'une organisation centralisatrice, les efforts partiels se perdent et ne sont pas inspirés par un plan d'ensemble. Seule une institution douée de prestige pourra apporter une solution à cet état de choses* (Nascentes, p.690).

Há, como já disse, uma recorrente insistência na necessidade de uma instituição especificamente voltada para a construção do atlas lingüístico. A dialetologia é tratada como questão de estado, havendo a necessidade de uma materialização institucional específica para que se concretize. No texto de 55, *Divisão dialectológica do território brasileiro*, ele continua alfinetando:

*Nosso trabalho, repetimos, não é nem podia ser definitivo. Aguardemos o Atlas Lingüístico do Brasil (até quando?) para um trabalho definitivo (Nascentes, p. 704).*

Finalmente, é o próprio Nascentes quem nos informa, no texto *Atlas Lingüístico do Brasil*, a concretização do respaldo institucional que, de uma vez por todas, tornaria possível o Atlas. Pelo Decreto nº 30643, de 30 de março de 1952 criou-se o Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa. A Portaria nº 536 criou, por sua vez, uma comissão de especialistas em Filologia para planejar, orientar e fiscalizar os trabalhos que iriam ser feitos. Outra Portaria, de 31 de julho de 1952, fez de Nascentes o presidente desta comissão. Ele relata:

*Enquanto o Congresso não votava a verba para os trabalhos iniciais do Atlas, aproveitei o tempo para apresentar à Comissão as bases que me parecem necessárias.*

*E assim elaborei essas bases.*

*As primeiras apareceram em 1958 (Nascentes, p. 706).*

São as mesmas que até hoje pautam os trabalhos em geografia lingüística no Brasil, continuamente citadas. Mas o apoio institucional parece não ser tudo. No referido texto, Nascentes acusa as dificuldades:

*O professor Sever Pop foi contratado para dar um curso sobre Geografia Lingüística em 1954.*

*O curso não deu os resultados esperados.*

*Houve grande desinteresse por parte do elemento masculino. Só dois estudantes de Faculdade de Filosofia compareceram a ele, sendo o resto dos alunos constituído por senhoras e senhoritas.*

*Ora, para as tarefas de colheita de materiais as mulheres são menos adequadas do que os homens, porque num país como o Brasil teriam dificuldades de locomoção e de alojamento (...)*

*(Nascentes, p. 705).*

Teria sido por falta do “elemento masculino” que o Atlas não prosperou? Não só. Nascentes vai enumerando os obstáculos: o tamanho do país, a malha rodoviária deficiente; “*em muitos lugares o automóvel não pode ir; vai-se somente no lombo de jericó*”. “*O Brasil tem onças, caititus, gatos-do-mato(...)*”. “*A Europa só tem duas feras: o lobo e o urso, assim mesmo um tanto afastados das paragens civilizadas*”. O Brasil tem não sei quantas espécies de cobra, a Europa só a víbora.

São muitas as dificuldades. Mas o consolo de Nascentes ainda é institucional. O grande projeto filológico precisa continuar:

*Parece que agora a situação vai melhorar. A Casa Rui Barbosa foi transformada em uma fundação e assim terá sua autonomia e poderá dispor de maiores verbas para a consecução do grande ideal de elaborar o Atlas Lingüístico do Brasil.* (Nascentes, p. 710 – grifos do autor).

## 5. Intervenções na sociedade

A institucionalização da ciência possibilitaria seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, também propostas de intervenção demandadas pela sociedade. Vários textos do livro respondem a essa demanda, e são por isto mesmo, documentos da intervenção do saber lingüístico em outras instâncias. Temos textos de três tipos: os que se inserem em debates em curso, como é o caso do já citado *Filologia Portuguesa no Brasil, Independência Literária e unidade da língua* (1939), *Língua Brasileira* (1939), além de outros em menor grau; os que apresentam propostas de intervenção mais ampla, como é caso do *Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional* (1941), *Aportuguesamento de alguns nomes próprios gregos* (1955) e os que operam em terreno mais específico: *Nomenclatura mineralógica e geológica* (1939) e *Nomenclatura Química* (1942).

Nos primeiros casos, Nascentes é claramente um anti-purista, inscrevendo-se numa perspectiva científica. Quando historia o período gramatical, no texto de 1939, são várias as passagens que ilustram seu pensamento:

*Por esta época [fins do século XIX] o grande público começa a tomar interesse maior pelas questões da língua.*

*A praga das consultas, que até hoje dura, encontrou guarida na pessoa do filólogo português Cândido Figueiredo, que mantinha no **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro, uma seção intitulada “O que se não deve dizer”*

(...)

*Como se vê, estamos em pleno domínio do certo ou errado...*

*O que não está nos clássicos está errado; a língua perdeu o direito de transformar-se* (Nascentes, p.196, 197 – grifos do original).

Se rejeita a intervenção purista na sociedade, nem por isto deixa de propor intervenções de cunho normativo, como é o caso do vocabulário ortográfico ou dos textos sobre nomenclatura. Aqui talvez resida a chave

para entender uma questão que emergiu da leitura: por que razão, a partir da instituição da lingüística nos currículos em 1965, todo o saber anterior viu-se reduzido a uma concepção “não científica”, se todo o discurso de sua implementação apelava justamente para o cientificismo? No período em que milita Nascentes, apesar de toda a sua luta para a implementação de métodos científicos, parece ter havido uma indissociação entre o saber científico e o saber normativo. É curioso que Nascentes lamenta, em um texto de 1950 *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de Filologia Portuguesa*:

*Parece incrível que houvesse escapado aos organizadores das Faculdades de Filosofia a necessidade de uma cadeira de Lingüística. Realmente não se entende que tal cadeira não exista em Faculdades onde se ensinam letras clássicas, línguas neolatinas e línguas anglo-germânicas, num nível superior. Mas, se a lei não obrigou o ensino de Lingüística, nada nos impede de aprender por nossa conta disciplina tão indispensável.* (Nascentes, p. 246).

Ou seja, o período científico que ele vê inaugurado em 1939 com a criação das Faculdades de Filosofia, não institucionalizou a lingüística. Talvez a razão esteja detectada no próprio Nascentes. Ao comentar, na sua periodização, a polêmica sobre o código civil na primeira república, reconhece a “*profunda influência que [Rui Barbosa] exerceu sobre a nossa cultura do vernáculo*” sem deixar de pontuar que “*Tem-se levado a extremos o valor da Réplica*” (p. 198). Já na aula inaugural da cadeira de Filologia Românica, de 1937, talvez fique mais clara a forma como o saber científico vinha concebido no período em que Nascentes militou. Lá o que se vê é que os estudos filológicos se inserem no âmbito do saber clássico (e portanto normativo), não podendo indissociar-se deles. Assim, ao mesmo tempo em que pontua, nesse texto de 1937, o “cultivo da Filologia Românica” a fim de resolver problemas práticos para os cultores das línguas neo-latinas, apresenta os desenvolvimentos mais recentes, a Fonética Experimental e a Geografia Lingüística. O saber científico, assim, não consegue desvencilhar-se do saber clássico. E talvez tenha sido esta indissociação que, apesar dos esforços para a formação de novos cientistas, não tenha conseguido mais cedo a introdução da Lingüística como parte integrante do currículo. Não só isso, mas o fato de que, após sua introdução, em 65, parece ter havido uma profunda dissociação entre o saber anterior e o saber posterior.

Assim, é inevitável hoje o estranhamento que provoca a presença, no livro, de textos como uma excelente resenha sobre o estruturalismo hjelms-

leviano (*Estruturalismo* – uma conferência de 1962), ou de textos com inegável valor científico, como os textos sobre formas de tratamento no português já mencionados, ao lado de outros com propostas de intervenções normativas, como é o caso do Vocabulário Ortográfico ou dos textos com propostas para a normatização do vocabulário da química ou da geologia. Trata-se, a meu ver, de um gesto do estudioso que, inserido em mundo em que o saber lingüístico é sempre intervencionista, procura substituir a intervenção meramente dogmática dos puristas, por uma intervenção racional fruto da investigação metódica. Não vai aqui nenhuma crítica. Penso que esses aspectos do livro põem a gente a pensar, não somente sobre como se deu a nossa história do saber metalingüístico recente, como também as demandas por intervenção que continuam a existir. Tanto no âmbito da reiteração daquilo que Nascentes chamou de a “praga das consultas” quanto na formulação de políticas lingüísticas ou na discussão sobre o ensino normativo. Especialmente esta última tem sido origem de grandes confusões conceituais, colocando em xeque a circulação do saber desenvolvido no “quarto período” de Guimarães (1996) – os dias de hoje.

O estranhamento se explica: a proposição de uma visão científica dos fenômenos lingüísticos, procurando-se investigar fenômenos fonéticos e dialetológicos se insere no âmbito de uma visão mais ampla de linguagem que procura construir uma continuidade entre o saber clássico e o saber científico. Daí as dificuldades com Oiticica, a paciência meio nos limites: “*Tape o nariz e tente pronunciar a palavra na*”.

## 6. Arremate

Saio do mergulho no livro de fato impressionado. Outro mundo. Como é possível que um espaço de tempo tão curto tenha provocado uma ruptura tão grande? O amarelo das páginas do volume nas minhas mãos talvez tenha contribuído para esse efeito; talvez a ausência da bibliografia normatizada dos dias de hoje, a diagramação menos translúcida, pouco amigável, talvez.

É um livro documento, um livro máquina do tempo, um livro álbum de instantâneos em movimento, fonte de informação para pesquisadores em história dos estudos lingüísticos no Brasil e muito instrutivo para lingüistas em geral.

## Notas

1. Deixo de comentar Alguns textos constantes na seção língua portuguesa e outras línguas: *Ezbozo de comparación del Español con el Portugués* (1936), *Portugués em Boca de Estrangeiros* (1938).

## Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). (2005). *A Geolingüística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina, EDUEL.
- GUIMARÃES, Eduardo. (1996). “Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: A Gramatização Brasileira”. In: GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni P. (orgs.). *Língua e Cidadania – O Português no Brasil*. Pontes/HIL.
- NASCENTES, Antenor. (1958). *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa Rui Barbosa.